

Benjamin  
Blech

# Se Deus é bom, por que o mundo é tão ruim?

E-book  
Vol. 2



Conteúdo extraído do livro:

**Se Deus é bom, por que o mundo é tão ruim?**

Rabino Benjamin Blech  
Editora e Livraria Sêfer

2006

Copyright © 2003 by Benjamin Blech

Direitos reservados à  
EDITORA E LIVRARIA SÊFER LTDA.  
Alameda Barros, 735 CEP 01232-001 São Paulo SP Brasil  
Tel. 3826-1366 sefer@sefer.com.br www.sefer.com.br





## CAPÍTULO 3

# O PRINCÍPIO DA MAIOR PRIORIDADE

“No princípio, ao criar Deus os céus e a terra, a terra era sem forma e vazia, e havia escuridão sobre a face do abismo, e o espírito de Deus pairava sobre a face das águas.”<sup>9</sup>

Estas são as sentenças de abertura da Bíblia que seguem adiante para nos contar o dramático relato de como nós viemos à existência. Deve-se destacar que, desde o início, nós recebemos uma pista muito importante de como Deus irá relacionar a Sua Criação à nossa dor e sofrimento. A pista está numa palavra hebraica incomum: *merachéfet*, que significa “pairava” e que só aparece duas vezes em toda a Bíblia – aqui e no próprio fim do Pentateuco, no livro de Deuteronômio.<sup>10</sup> Ali, ao descrever aos israelitas o relacionamento de Deus com Seu povo, Moisés compara Deus a uma águia que *paira* sobre seus filhotes.

O famoso comentarista bíblico Rashi esclarece a comparação ao explicar: “A águia não pressiona o seu filhote, mas paira, tocando-o sem tocá-los.” Caso a águia pousasse sobre seus filhotes, ela os sufocaria.

Na nossa sociedade, todos nós já testemunhamos a tragédia do amor materno transformado em amor sufocante. Existem pais cujo amor esmaga o filho, sufocando qualquer aspecto da sua iniciativa e liberdade, fazendo com que ele se torne inteiramente dependente de seus pais pelo resto da sua vida.

Há uma velha piada que ilustra muito bem esse extremo da super proteção: uma mulher salta de uma limusine diante de uma sofisticada loja de departamentos, enquanto o motorista desce para carregar o seu filho de 10 anos

no colo. Um homem que passa na rua faz o seguinte comentário: “Puxa, que tragédia, o garoto não pode andar.” A mãe escuta e responde, muito nervosa: “O que você quer dizer com ‘não pode andar’? Ele pode, sim, mas não precisa!”

Para aprender a andar, uma criança precisa cair e se machucar. Depois de muito tentar e após alguns inchaços e contusões, ela finalmente conseguirá se manter em pé e dar um passo. Porém, a mãe descrita na piada era incapaz de suportar ver seu filho sofrer. Por isso ela fez de tudo para que ele jamais precisasse se sustentar sobre seus pés.

Obviamente, todas as mães e pais passam um longo tempo a assistir a seus filhos aprendendo a andar. Você vê a criança se erguer, dar um passo e... bum... ela cai e provoca uma horrível mancha roxa na perna. Diante disso, qual é a sua vontade? Você quer agarrar a criança e lhe dizer: “Não faça isso de novo!” Mas ela só aprenderá a andar se você deixá-la cair.

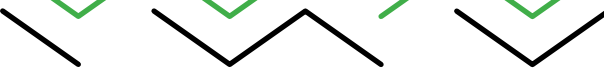
Pois esta foi a decisão adotada por Deus logo no início da Criação. Ele permite que nós caiamos a fim de que possamos aprender a andar. Ele paira sobre nós, protege-nos e não nos sufoca. Ele está ali, dirigindo, guiando, auxiliando, mas não controlando.

Amar alguém significa permitir que aquela pessoa seja ela mesma. O nome para esse aspecto do amor de Deus – a dádiva que Ele concedeu ao ser humano para que possamos ser nós mesmos – é livre-arbítrio.

Se a humanidade não tivesse livre-arbítrio, nós ainda estaríamos no Jardim do Éden, porque não teríamos escolhido desobedecer o mandamento Divino de não comer da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Mas sem essa liberdade de escolha, nossas vidas teriam sido um espetáculo de marionetes, dirigido, coordenado e produzido pelo próprio Deus. Porém Ele não quis que as coisas fossem desse jeito; então, em vez disso, concedeu ao ser humano o livre-arbítrio e, logo que isso aconteceu, o ser humano tomou seus problemas em suas mãos.

A primeira coisa que ele fez foi comer da árvore proibida, cujo preço foi a mortalidade; esta, por sua vez, levou à dor e ao sofrimento.





Será que Deus desejava que o ser humano permanecesse no Jardim do Éden e desfrutasse da felicidade reinante ali? A resposta é sim. Ele afirmou claramente aos primeiros seres humanos o que aconteceria se eles comessem da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, mas eles optaram por exercitar o seu livre-arbítrio e cruzar uma passagem que trouxe consigo algumas consequências muito graves.

Portanto, nós aprendemos de um dos primeiros relatos da Bíblia que, às vezes, há coisas que ocorrem no mundo que Deus não quer ver acontecer, mas que, não obstante, Ele permite que aconteçam. Se Deus fosse interferir o tempo inteiro, Ele estaria nos sufocando e nos negando o livre-arbítrio.

## **LIBERDADE PARA MATAR**

O próprio fato de Deus ter nos dado o mandamento de “Não matarás” demonstra que temos a escolha de fazer isso ou não. Deus nos diz: “Não faça isso, porque as consequências de um ato assim serão muito graves”, mas nós ainda podemos fazer isso se quisermos.

Agora, se uma pessoa opta por assassinar outro ser humano, ela pode ser bem-sucedida; todavia, é bem possível e provável que Deus não deseje que a vítima morra: isto tem um peso muito importante para entendermos por que coisas ruins acontecem às pessoas boas, como veremos logo.

Nós aprendemos no Livro do Êxodo<sup>11</sup> a diferença entre assassinato premeditado e morte acidental. A punição para o primeiro é a morte; a pena para a última é o exílio para uma “cidade de refúgio” onde o culpado deveria viver e estudar entre pessoas devotas antes de retornar ao lar.

O homem que comete assassinato está exercendo claramente o seu livre-arbítrio, mas aquele que mata acidentalmente não está. De fato, a frase em hebraico que é traduzida por “acidentalmente” diz literalmente: “Deus levou isso à sua mão”. Somente a morte causada por acidente é da vontade de Deus; o assassinato intencional não é.

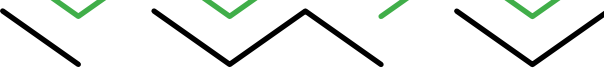
Leve em conta que o sujeito que mata acidentalmente pode não ser uma pessoa assim tão boa, e é por isso que Deus o escolheu para esse propósito. É isso o que o Rei David nos ensina de um “antigo provérbio”: “Dos iníquos procede a iniquidade” (1 Samuel 24:13), que os rabinos do *Midrash*<sup>12</sup> explicam com este relato esclarecedor:

Havia dois homens, um que cometeu assassinato e outro que matou alguém por acidente. Não houve testemunhas, portanto nenhum deles teve que sofrer as consequências dos seus atos – pelo menos por um período. Passado um certo tempo, Deus fez com que os dois homens se encontrassem em uma hospedaria. Ali, o homem que matara por acidente subiu numa escada enquanto o assassino estava sentado debaixo dela. O homem no topo da escada desequilibrou-se e caiu, matando o assassino que estava embaixo. Assim, Deus puniu o assassino, e aquele que matou por acidente foi enviado à “cidade de refúgio”, como aliás já deveria ter ocorrido anteriormente.

O que aprendemos é que não há como escapar das consequências das nossas ações, ainda que, por algum tempo, tentemos seguir nossas vidas contra a vontade de Deus por meio da nossa liberdade de escolha.

Agora temos uma resposta *parcial* para a nossa questão (e enfatizo a palavra “parcial”, porque esta é uma questão tão complexa que devemos trafegar por ela passo a passo): se não é da vontade de Deus, por que os homens morrem? Porque se Deus tivesse que evitar que cada um fizesse algo que pudesse levar um inocente a sofrer, isto significaria que Ele teria que proteger as pessoas boas às custas do princípio do livre-arbítrio. Dada a escolha, Deus opta por não ter escolha.

A isto eu chamo de “princípio da maior prioridade”. A prioridade de Deus é que o ser humano tenha livre-arbítrio. Mas isso não quer dizer que, em última instância, os desejos de Deus devam ser contrariados ou que a injustiça deva prevalecer no mundo, porque Deus tem uma maneira de fazer com que tudo se encaixe no fim. Todavia, isso pode sugerir que, a fim de exercer o seu livre-arbítrio, o homem fará coisas desagradáveis aos olhos de Deus. Mais do que isso, o ser humano fará coisas que provocarão dor em Deus.



O Talmud nos conta que há momentos em que Deus “chora”, “tem esperança”, “aguarda ansiosamente”, “sofre”. Quando os Sábios do Talmud usam essas palavras, eles estão naturalmente falando por meio de metáforas, a fim de transmitir a ideia de que muitas vezes nossas ações não estão de acordo com os desejos de Deus. Deus não disputa partidas conosco; Ele nos deu leis para vivermos de acordo com elas, com consequências claramente explicitadas. Mas, quando as escolhas de algumas pessoas provocam dor em outras, Deus, que nos ama a todos, sofre conosco. Além disso, assim como a mãe se retorce ao ver seu filho cair e se machucar, mas deixa isso acontecer porque sabe que esta é a única maneira de a criança aprender a andar, Deus paira sobre nós, observando ansiosamente, mas sem interferir nos momentos em que devemos exercer o nosso livre-arbítrio.

## **A JUSTIÇA DE DEUS**

No capítulo de abertura deste livro, nós nos recusamos a rejeitar a posição de que Deus é justo e Todo-Poderoso. Então agora devemos perguntar: Se Deus opta por limitar o Seu poder para que o ser humano possa exercer o seu livre-arbítrio, então como a justiça atua?

Eu conheço um caso em que um rabino e sua esposa foram envolvidos em um gravíssimo acidente de automóvel provocado por um motorista embriagado. Além de o rabino e sua esposa terem sido seriamente feridos, muitas outras pessoas também foram afetadas indiretamente. Sua esposa quebrou um braço, o nariz e sofreu uma fratura na coluna vertebral, o que fez com que fosse hospitalizada por semanas. Ao longo da sua longa recuperação, muitas pessoas que dependiam do seu amor e cuidado, incluindo seus pais idosos, também sofreram.

O rabino seguiu a nossa regra inicial de avaliar se esse doloroso acontecimento poderia ser uma mensagem de Deus, mas foi incapaz de encontrar qualquer correlação. Então concluiu que, se Deus quisesse puni-lo por alguma má ação cometida, Ele certamente não teria feito tantas outras pessoas sofrerem. Deus não quis que o seu carro sofresse um acidente, mas Ele não interferiu nas escolhas do motorista embriagado.

Ainda assim o rabino reconheceu a presença de Deus na cena. Algum tempo depois, ele escreveu a respeito do fato: "Deus estava nos corações daqueles maravilhosos desconhecidos que interromperam suas viagens para virem em auxílio de dois viajantes feridos que não conheciam. Deus estava na determinação dos paramédicos que se dedicaram a ajudar outras pessoas inclusive quando suas próprias vidas estavam em risco. Deus estava na sala de emergência, atuando por meio de mentes treinadas, mãos habilidosas e palavras de consolo. Deus estava nos corações das pessoas generosas que construíram o hospital. E Deus estava nas orações das pessoas que se preocuparam conosco."

Você pode dizer que tudo isso é muito bonito, mas, se o rabino não mereceu esse sofrimento e Deus está chateado e triste por isso ter acontecido, será que Ele não tem alguma obrigação de fazer com que a justiça seja feita? Ou Ele pode simplesmente ignorar o que aconteceu?

A resposta, obviamente, é que Deus *deve* estar envolvido de algum modo. Deus "deve" isso ao rabino; Ele tem a obrigação de retificar o dano imerecido sofrido pela vítima nessa situação.

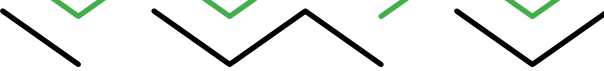
Do meu ponto de vista, todos nós temos uma espécie de conta bancária com Deus. De vez em quando devem ser feitas algumas retiradas. Algumas vezes não queremos fazê-las, mas elas são feitas e, então, Deus passa a dever a nós.

Você pode dizer para Deus: "Eu teria preferido não estar naquele acidente de carro. Eu não precisava desta perna quebrada bem agora, para impedir o bom trabalho que estou fazendo."

E Deus poderia responder: "Você está certo; você não precisa disso, nem merece. Eu não queria que isso lhe acontecesse. Mas uma vez que aconteceu, serei justo com você; farei as pazes contigo o mais rapidamente possível. Para começar, farei com que entenda algo a respeito das demais pessoas que talvez você jamais tenha entendido até este momento. Irei lhe ensinar novas perspectivas a respeito da vida em decorrência desse acidente de carro, de modo que, no final, você diga que o que lhe aconteceu foi uma bênção."







Receber telefonemas de solidariedade e preocupação, ver de uma hora para outra pessoas simples fazerem coisas extraordinárias por você, ganhar consciência da bondade dos indivíduos, tudo isso vale alguma coisa. Não estou dizendo que elas justificam coisa alguma, mas Deus é justo – quando Ele lhe deve, Ele lhe paga. A retribuição virá integralmente, e você pode contar com isso!

## **EXCEÇÕES À REGRA**

Deus decidiu que devemos ter livre-arbítrio. Mas vamos supor que, por meio do exercício do livre-arbítrio de uma única pessoa, todos nós deixemos de existir. Um homem enlouquecido aperta o botão que pode detonar um holocausto nuclear e destruir o planeta. Deus iria interferir?

Eu tenho certeza de que sim. Deus não teria outra escolha, porque Ele Se comprometeu, de forma irrevogável, com a nossa sobrevivência.

Esta é uma das lições mais importantes do livro bíblico de Ester. Deus prometeu a Abraão e a Moisés<sup>13</sup> que o povo judeu seria uma “nação eterna” e jamais seria destruído. No entanto, durante a época do Império Persa surgiu um ministro muito poderoso, Hamán, que odiava os judeus e decidira destruí-los. Além disso, parecia que, além do seu livre-arbítrio, ele também tinha os meios para ser bem-sucedido nessa tarefa.

Se Deus tivesse permitido que Hamán exercesse o seu livre-arbítrio, Ele teria que compensar o povo judeu em algum momento posterior. Todavia, uma vez que o crime pretendido não corresponde apenas a um assassinato, mas a um genocídio, não restaria mais povo judeu para ser compensado. Isso simplesmente não poderia acontecer, pois entra em conflito com a própria promessa de Deus, que deve ter prioridade.

Assim, o milagre de Purim tinha que acontecer – e é muito interessante perceber como Deus fez com que acontecesse. A rainha Ester transformouse no próprio instrumento para a salvação do povo judeu. No início, ela não estava certa de que estivesse preparada para os perigos da missão, até o seu tio Mordechai lhe dizer: “Porque, se de todo te calares agora, de outra parte se

levantarão para os judeus socorro e livramento...”<sup>14</sup> Então, inclusive Ester teve a chance de exercer o seu livre-arbítrio, de participar ou não da salvação Divina. Se ela tivesse decidido não participar, Deus teria encontrado outra pessoa ou outro método. Mas Ester, obviamente, participou, e além do plano de Hamán fracassar, ele próprio acabou sendo morto.

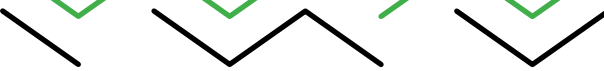
De modo semelhante, Hitler foi outro agente livre que pretendia destruir todos os judeus. Seu plano quase foi bem-sucedido. Ele assassinou seis milhões, mas fracassou em levar a cabo a sua “Solução Final”. Não faltam relatos de resgates milagrosos durante a guerra, e Yaffa Eliach recolheu quase uma centena deles em seu livro *Hassidic Tales of the Holocaust (Relatos Chassídicos do Holocausto)*. Estes foram os beneficiários da intervenção Divina, necessária para que Deus evitasse a negação da Sua promessa para os Patriarcas.

Um dos relatos mais impressionantes conta a respeito de uma terrível manhã no campo de Janowska, quando os internos judeus, extenuados pelo trabalho pesado, pela fome e pelas doenças, foram reunidos ao redor de uma enorme cova, que viria a ser, em breve, a sua sepultura comum. Divertindo-se de modo cruel, os nazistas disseram-lhes que, se alguém fosse capaz de saltar por cima da cova – uma tarefa impossível –, a vida dessa pessoa seria poupada. Um rapaz que estava de pé ao lado de um velho rabino sugeriu que eles deveriam desafiar os nazistas e se recusar a saltar. Mas o rabino disse: “Não, nós devemos saltar.” E então eles fecharam os olhos e saltaram.

Quando abriram os olhos novamente, estavam do outro lado da cova, sãos e salvos. A única forma possível de terem feito isso teria sido voando. “Diga-me, rabino, como você fez isso?”, perguntou o jovem impressionado.

“Eu imaginei que me apoiava sobre os casacos do meu pai, do meu avô e do meu bisavô, de abençoadas memórias”, respondeu o rabino. E então ele perguntou ao rapaz: “Conte-me, meu amigo, como *você* alcançou o outro lado da cova?”

O rapaz sorriu: “Eu me apoiei em você.”



É verdade, Deus não salvou a todos do Holocausto. Ele não fez milagres o tempo inteiro, nem para todas as pessoas. Mas cada um que morreu fez uma retirada da sua conta bancária, e Deus deve a essas pessoas nada menos do que suas vidas. Como é possível que elas sejam pagas? Veremos em breve.

## EM RESUMO

No início deste livro decidimos que a afirmação de que Deus é Todo-Poderoso é verdadeira. Deus dirige o mundo. E não nos desviamos dessa posição neste capítulo. Se um tijolo cai do alto de uma construção e mata um pedestre; se um terremoto destrói um edifício e pessoas são mortas; se ocorre algum acidente, devemos assumir que foi o desejo de Deus que fez essas coisas ocorrerem.

Mas Ele também decidiu, logo no início da Criação, que iria “pairar” sobre os seres humanos. Ele nos levaria a sermos nós mesmos. Sempre que a liberdade de escolha de um ser humano está envolvida, Deus, necessariamente, adota a política de não Se intrometer.

É por isso que, em circunstâncias normais, Deus não interfere. Contudo, sempre é possível ocorrer um milagre. Deus é Todo-Poderoso e, quando uma prioridade maior se sobrepõe à dádiva humana do livre-arbítrio, Ele não hesita em fazer o que deve ser feito. Os milagres são a resposta de Deus às situações em que o livre-arbítrio se torna perigoso, ameaçando destruir o grande plano Divino para o universo.

Há inúmeras situações em que as pessoas caminham em direção a um colapso nervoso por não encontrarem resposta à pergunta “Por que Deus fez isso comigo?”. Elas se convencem de que Deus as descartou e que suas vidas não são mais dignas de serem vividas. Essas pessoas estão equivocadas. Às vezes, a tragédia que se abateu sobre elas nada teve a ver com Deus; foi uma falha de algum indivíduo que, ao exercer o seu livre-arbítrio, fez com que elas sofressem. E se elas são inocentes – se ao examinarem o seu passado puderem afirmar que não há correlação entre o ocorrido e alguma falha em

seu passado –, então elas se encaixam na seguinte situação de consolo: Deus não queria que isso acontecesse, e agora fará algo de bom para compensar o prejuízo.

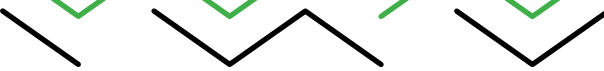
Na maior parte do tempo, a maior prioridade de Deus é preservar o nosso livre-arbítrio. Mas existem ocasiões em que há, para Ele, uma prioridade ainda maior: a Sua promessa feita no passado e o Seu comprometimento com o futuro. Nesses casos, o livre-arbítrio do ser humano pode e deve ser limitado.

Se a história humana estiver envolvida em grande escala, ou a sobrevivência do mundo, ou ainda a sobrevivência do povo judeu; se uma pessoa justa com quem Deus conta para alguma parte do Seu plano Divino estiver correndo riscos, então Deus *irá* interferir. Ele abrirá o Mar Vermelho, fará o sol parar e, inclusive, levará as pessoas a saltarem por cima de montanhas.

Mas, em condições normais, o livre-arbítrio pode prejudicar muitas pessoas inocentes. Você pode sofrer uma perda pela qual o próprio Deus vai chorar, mas saiba que Ele assume a obrigação de lhe compensar pela cruel injustiça por Ele permitida. E se você perguntar como Deus fará isso, saiba que para Ele nada é impossível.

Para aqueles que acreditam que Deus é impotente, a reza é uma ilusão. Por que rezar quando, afinal de contas, Deus não pode mudar as coisas? Mas para aqueles de nós que acreditamos em um Deus Todo-Poderoso, a reza oferece uma fonte de esperança. Milagres são possíveis, e pode-se rezar por um milagre. Ainda que esteja envolvido o livre-arbítrio de um indivíduo, situação em que Deus normalmente não interfere, Ele pode fazer um milagre quando este for absolutamente necessário – e você tem permissão para rezar uma prece dizendo que está em uma situação absolutamente necessária. Se você já sofreu alguma perda, pode lembrar Deus de que Ele tem uma dívida a ser paga. Ele pode quitá-la com você. Eu não sei exatamente como, mas Ele fará alguma coisa; Deus lhe deve isso. Reze para Ele lhe ajudar. Não O condene. Reze para Ele lhe auxiliar na situação em que você se encontra.

Como você pode ver até agora, há muitas razões pelas quais coisas ruins acontecem às pessoas boas. Cada situação é única e complexa. Estamos



examinando um aspecto por vez – expondo pacientemente pequenos pedaços deste grande mosaico – mas ainda precisamos apreciar o quadro como um todo...

## **CAPÍTULO 4**

# **A RESPOSTA DE DEUS**

Acabamos de ver que muito do que nos incomoda a respeito dos caminhos de Deus deve ser, na verdade, creditado às ações do ser humano. Mas o que fazer quando o mal parece vir diretamente de Deus?

O que pensar quando o médico lhe informa que o seu filho tem um câncer incurável? Ninguém machucou o seu filho. Esse mal parece vir Daquele que, supostamente, só faz o bem. Se uma pessoa má feriu o seu filho, você talvez seja incapaz de perdoá-lo, mas no mínimo saberá onde colocar a culpa – na maldade humana. Mas se Deus fere o seu filho, isto é difícil demais de suportar.

Entretanto, crianças pequenas e inocentes sofrem todos os dias e, invariavelmente, somos levados a perguntar: “Como um Deus bom pode ser tão cruel?”

O que nos perturba também perturbou o maior líder judeu de todos os tempos: Moisés. Ele ousou fazer essa pergunta Àquele que sabe as respostas. E essa sabedoria eterna é compartilhada conosco no livro do Êxodo. É aqui, segundo nos conta o Talmud, que a Bíblia levanta pela primeira vez o problema de por que os justos sofrem.

À primeira vista a passagem pode parecer cifrada:

*“E disse (Moisés a Deus): Mostra-me, rogo, a Tua glória. E disse (Deus): ‘Eu farei passar todo o Meu bem diante de ti, e chamarei em Nome do Eterno diante de ti; e farei misericórdia quando Eu quiser fazer misericórdia e Me compadecerei quando Eu quiser Me compadecer.’ E disse: ‘Não poderás ver Meu rosto, pois não poderá ver-Me o homem e viver.’ E o Eterno disse: ‘Eis aqui um lugar junto a*

*Mim, e te porás de pé sobre o penhasco. E será, quando passar a Minha glória, que te porei na fenda do penhasco e te protegerei à Minha maneira, até que Eu tenha passado. E depois retirarei a Minha glória, e verás Minhas costas, e o Meu rosto não será visto.”*<sup>15</sup>

A maioria das pessoas que leem isso literalmente assume que Moisés deseja conhecer a aparência de Deus; em resposta, Ele não mostra o Seu rosto, mas permite que Moisés dê uma olhada na parte de trás dos Seus poderosos ombros.

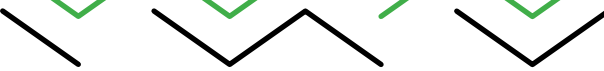
É claro que isso é um absurdo.

O Talmud<sup>16</sup> nos conta que Moisés não estava pedindo para “ver” Deus; ele era mais inteligente do que isso. Moisés sabia que Deus não tinha corpo nem forma que contivesse matéria; portanto, não podia ser visto com olhos humanos. Em vez disso, Moisés estava pedindo para “ver” a “glória” de Deus, a fim de poder compreender o plano Divino. Na verdade, Moisés está dizendo a Deus: “Deus, eu Te amo, honro e respeito de todas as formas. Mas há coisas sobre Ti que eu não entendo. Quando vejo uma criança com paralisia infantil, um bebê com leucemia, um menininho sofrendo com tanta dor, e eu sei que ele morrerá em breve, não entendo o que Tu estás fazendo. E eu adoraria compreender plenamente os Teus caminhos, de modo que eu pudesse Te dar toda honra que Tu mereces.”

É muito significativo que essa passagem apareça logo após a absolvição dos israelitas por Deus pelo terrível pecado do bezerro de ouro. Deus retirou os israelitas da escravidão do Egito; Ele falara com eles no Monte Sinai; e então, quando Moisés subiu a montanha, os israelitas retribuíram toda essa bondade com a rejeição a Deus e a construção de um ídolo. Todavia, após se arrependerem do seu grande pecado, Deus não apenas os perdoou, como também respondeu descrevendo a Sua essência como plena de misericórdia e compaixão.

É este o momento que Moisés escolhe para fazer o seu pedido, como se dissesse: “Se isso é verdade, então me explique como a Tua glória está refletida





no sofrimento das crianças e na alegria dos maldosos? Tu podes me conceder a dádiva de entender o sentido destas coisas?”

Em resumo, Moisés queria saber por que coisas ruins acontecem às pessoas boas.

A resposta de Deus contém o que Moisés – bem como todos nós, ao lermos essas palavras milhares de anos depois – tem o direito de saber.

Então olhem muito cuidadosamente, ponto por ponto, para o que Deus está nos dizendo.

## O QUADRO INTEIRO

*“Eu farei passar todo o Meu bem diante de ti, e chamarei em Nome do Eterno diante de ti.”*

Conforme já aprendemos anteriormente, os nomes pelos quais Deus Se identifica são extremamente importantes. Aqui Ele usa o singular nome de quatro letras conhecido como Tetragrama, cuja pronúncia está proibida; em geral é traduzido como o *Eterno (Adonai)*. Conforme destacado anteriormente, esse nome significa bondade e compaixão, em contraste com o nome *Elohim*, que se refere a Deus como um juiz severo, porém justo. Portanto, é o nome do Eterno misericordioso que Deus deseja proclamar para Moisés.

É dito a nós que “toda” a bondade de Deus será testemunha da qualidade misericordiosa do Todo-Poderoso. E, conseqüentemente, iremos mudar a nossa percepção de dor e sofrimento assim que a vírmos “toda”. Levar em conta somente metade do relato pode nos levar a pensar que Deus é cruel, mas uma perspectiva mais completa nos levará a concluir que, na verdade, todo julgamento estrito é necessariamente um ato de amor.

Assim que formos capazes de compreender todo o quadro, veremos o sofrimento como uma manifestação do aspecto compassivo de Deus.

*“E farei misericórdia quando Eu quiser fazer misericórdia e Me compadecerei quando Eu quiser Me compadecer.”*

Será que Deus está dizendo: "Eu farei o que Eu quiser, independente do que é justo?" Não, Ele não está dizendo isso, mas: "Eu farei misericórdia com aquele com quem Eu for misericordioso, e *não* com quem *você acha* que eu deveria ser misericordioso. Eu Me compadecerei de quem Eu tiver compaixão, e não de quem você acha que Eu deveria ter compaixão."

O Talmud ensina<sup>17</sup> que no mundo vindouro tudo irá virar de cabeça para baixo. Ali, aqueles que estão por baixo estarão por cima e vice-versa. A questão é que, em geral, nossos julgamentos a respeito de quem é um santo e de quem é um pecador estão longe da verdade. A maneira pela qual o universo terreno oferece honras é literalmente caótica. Somente na vida vindoura poderemos ver quem é verdadeiramente merecedor.

O Baal Shem Tov, fundador do movimento chassídico no século 18, explicou o que isso significa por meio desta história maravilhosa:

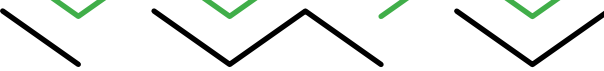
Em uma determinada casa moravam dois judeus e suas respectivas famílias. Um era um sábio muito estudioso; o outro era um trabalhador pobre. Dia após dia o sábio acordava, levantava-se ao amanhecer e ia até a sinagoga onde, primeiramente, estudava uma página do Talmud. Então, enquanto os piedosos anciões iam chegando, ele aguardava um pouco, dirigia seu coração para os céus e proferia as orações matutinas calma e lentamente, estendendo sua reza até quase o meio-dia.

Seu vizinho, o trabalhador pobre, também se levantava cedo e ia trabalhar até o meio-dia. Seu trabalho era tão duro que forçava, ao mesmo tempo, o corpo e a alma, sem que lhe restasse tempo para ir à sinagoga a fim de rezar com a congregação no horário apropriado.

Ao meio-dia, o sábio deixava a sinagoga e voltava para casa, preenchido pela sensação de autossatisfação: ele se ocupara com a Torá e com as orações, e realizara escrupulosamente a vontade do seu Criador. No seu caminho de volta da sinagoga, encontrava o seu vizinho, o trabalhador pobre, correndo para a sinagoga, onde recitaria as orações matutinas às pressas, angustiado e chateado por estar tão atrasado. Eles passavam um pelo outro.







Quando o trabalhador pobre passava por seu vizinho na rua, soltava um gemido pesaroso, triste porque o outro já terminara prazerosamente o seu estudo e oração antes que ele tivesse sequer começado: "Ai meu Deus, aqui estou, chegando ao *shul* (sinagoga). Ele já terminou. Eu não estou agindo corretamente. Ai, ai, ai!" Enquanto isso, os lábios do sábio balbuciavam ironias e no seu íntimo ele pensava: "Mestre do Universo, veja a diferença entre esta criatura e eu. Ambos nos levantamos pela manhã. Eu me levanto para a Torá e a reza, mas ele..."

E assim passavam os dias, as semanas, os meses e os anos. As vidas de cada um daqueles dois homens corriam de modos diferentes: uma, na liberdade da Torá e da oração; a outra, na escravidão de trabalhar e ganhar o necessário para sobreviver. Quando, de tempos em tempos, seus caminhos se cruzavam, o sábio sorria maliciosamente, enquanto o trabalhador gemia pesaroso.

Como acontece com todos os homens, a morte finalmente alcançou o sábio e, pouco depois, o seu vizinho, o trabalhador. O primeiro foi chamado diante do tribunal celestial para prestar contas dos seus atos. "O que você fez com os dias dos seus anos?", perguntou a voz vinda do alto.

"Eu sou muito grato", respondeu o sábio com voz firme, na qual podia ser detectado mais do que um certo orgulho, "porque ao longo de todos os meus dias eu servi ao meu Criador, estudando muito a Torá e rezando de coração puro."

"Mas", comentou o acusador celestial, "ele sempre zombou do seu vizinho, o trabalhador pobre, quando eles se encontravam próximos à sinagoga." Ouviu-se a voz do alto dizer: "Tragam a balança!"

De um lado foi colocada toda a Torá que ele estudara e todas as orações que rezara, enquanto do outro foram colocados os sorrisos irônicos diários exibidos quando ele encontrava o seu vizinho. Na comparação, o peso dos sorrisos levou a escala da balança para a marca de "culpado".

Assim que o caso do sábio foi encerrado, o trabalhador pobre foi levado diante do tribunal celestial. “O que você fez com a sua vida?”, perguntou a voz vinda do alto.

“Eu trabalhei duro por toda a minha vida a fim de suprir as necessidades da minha esposa e dos meus filhos. Não tive tempo para rezar com a congregação no horário apropriado, tampouco tive tempo livre para estudar mais a Torá, porque havia bocas famintas para alimentar em casa”, respondeu o trabalhador, com vergonha e pesar.

“Mas”, comentou o defensor celestial, “a cada dia, ao encontrar o sábio, seu vizinho, soltava um gemido do fundo da sua alma. Ele sentia que não havia cumprido as suas obrigações com o Eterno.”

Mais uma vez foi trazida a balança e o peso do gemido do trabalhador pobre levou a escala para a marca de “inocente”.

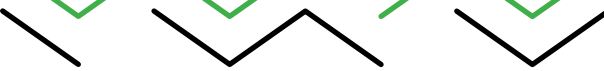
Isso foi feito pelo famoso talmudista e filósofo do século 12, Moisés Maimônides, no *Mishnê Torá*.<sup>18</sup> Nessa sua obra-prima legal, ele conclui que, aos olhos de Deus, as boas ações e os erros são julgados qualitativamente, e não quantitativamente.

Um pecado terrível pode comprometer toda uma vida de boas ações, ou uma boa ação especial pode anular muitos pecados. Somente Deus sabe verdadeiramente o que está no coração de cada pessoa, bem como o real valor das nossas ações.

Então, quando Deus diz a Moisés: “(Eu) *Me compadecerei quando Eu quiser Me compadecer*”, Ele está dizendo: “Eu sei melhor do que você quem é justo e quem é maldoso, quem é merecedor e quem não é. Nem ouse imaginar que você é capaz de julgar melhor do que Eu.”

“E o Eterno disse: ‘Não poderás ver Meu rosto, pois não poderá ver-Me o homem e viver.’” Afinal de contas, o que isso quer dizer?

Moisés quer “ver” Deus, compreender os Seus caminhos. Mas Deus lhe diz: “Enquanto você estiver vivo, jamais poderá Me ‘ver’ plenamente.” O quadro inteiro é invisível à nossa limitada perspectiva terrena.



Imagine-se com o seu nariz quase encostando numa pintura impressionista. Em um lugar você vê manchas do mais empolgante azul-celeste; em outro canto há uma grande mancha preta; em outro, uma mancha branca. Somente se você der uma dúzia de passos para trás é que verá o que a pintura descreve – trata-se do quadro “Lírios”, de Van Gogh.

Isto vale também quando se busca compreender o plano de Deus. Às vezes vemos as partes coloridas; às vezes, as partes negras; mas jamais poderemos nos afastar o suficiente para observarmos o quadro por inteiro. Afastar-se o suficiente é dar um passo para dentro do mundo vindouro.

A nossa existência aqui na Terra e a nossa compreensão do real significado de nossas vidas é muito limitado. Esta é a mensagem de Deus para Moisés, a mesma que Ele deu a Jó quando esse sofredor pediu para entender o que estava lhe acontecendo. Deus diz: “Os fatos à sua disposição na arena da vida são insuficientes para o tipo de conhecimento que você busca possuir.”

## **EM PARCERIA COM DEUS**

*“E o Eterno disse: ‘Eis aqui um lugar junto a Mim, e te porás de pé sobre o penhasco.’”*

A fim de ajudar Moisés a encontrar as razões para a presença do mal na Terra, Deus lhe diz para permanecer “ao Meu lado”. Essa frase ecoa uma ideia semelhante do Gênesis, quando no princípio o ser humano é criado à imagem de Deus. Ao homem é dado o papel de completar a obra de Deus, conforme a sua capacidade. Ele é informado de que é um parceiro ao lado de Deus nas alturas, e não um observador passivo lá embaixo.

Por que foi dito a Moisés para se colocar sobre um penhasco (rocha)? Porque a palavra em hebraico para rocha, *tsur*, vem da mesma raiz do verbo formar, confeccionar ou moldar. A rocha faz alusão ao propósito humano sobre a Terra: assim como Deus é um criador, o homem também o é. Na realidade, o ser humano é parceiro de Deus na Criação, no aperfeiçoamento do mundo.

A fim de dar ao homem uma oportunidade para exercer sua função, Deus propositadamente deixou o mundo por terminar; este foi criado incompleto. É este o significado de Deus descansar ao final do sexto dia. Com certeza Ele não estava cansado. "Deus descansou" significa que Ele parou no meio da obra. Por quê? Para que o ser humano tivesse a oportunidade de participar do aperfeiçoamento do mundo. Deus permite o surgimento de doenças para que o ser humano exerça o seu papel de inventar curas. Deus permite que exista a fome para que o homem invente novas tecnologias agrícolas. Deus permite que haja seca para que o homem participe, levando o mundo a um patamar mais próximo do ideal, por meio da invenção de novos métodos de irrigação, da construção de represas e de projetos de dessalinização.

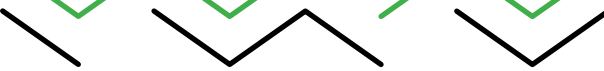
Portanto, o mal no mundo indica tão-somente o trabalho que ainda devemos fazer. O mal é uma manifestação de um mundo que ainda está incompleto, aguardando o homem fazer a sua parte e terminar a obra.

*"E será, quando passar a Minha glória, que te porei na fenda do penhasco e te protegerei à Minha maneira, até que Eu tenha passado. E depois retirarei a Minha glória, e verás Minhas costas, e o Meu rosto não será visto."*

Aqui nos é dada a parte mais importante da resposta. Ao dizer a Moisés que ele não poderá ver a Sua face, mas somente Suas costas, Deus está dizendo que será impossível para Moisés compreender os eventos enquanto eles estiverem acontecendo. Mas posteriormente, em retrospecto, será possível entender o que já ocorreu.

Enquanto você estiver se confrontando com uma crise, enquanto estiver no olho do furacão, você será incapaz de entender o propósito ou a lógica de Deus. Mas uma vez que a crise passar, então, ao olhar para trás, será possível começar a entender os desígnios de Deus.

Todos nós podemos lembrar eventos de nossas vidas que pareciam terríveis quando nós os vivenciamos, mas que *a posteriori*, algum tempo depois, passaram a ser vistos como bons. Um homem está apressado para chegar ao aeroporto. O pneu do seu carro estoura e ele se desespera, pois sabe que



perderá o voo. Ele está chateado com a sua má sorte; naquele momento, isto parece ser algo terrível. Ele conserta o pneu, guia como um louco para o aeroporto, mas não há jeito – o avião parte sem ele. Uma hora depois ele fica sabendo que o avião caiu e explodiu. Portanto, o pneu furado que ele amaldiçoara há uma hora transformou-se numa bênção.

Sempre que há um acidente aéreo, lemos depois nos jornais a respeito de pessoas que quase estiveram naquele voo, mas que, por alguma razão, não subiram a bordo. Quando o vôo 800 da TWA caiu, foi amplamente divulgado o relato de uma mulher que quebrou sua perna e teve que adiar suas férias em Paris, planejadas com muita antecedência. Ela estava terrivelmente desapontada, mas agora sempre agradece a Deus por sua perna quebrada.

Há um relato memorável contado no Talmud<sup>19</sup> que ensina o princípio de que “isto também é para o bem”.

Ao viajar montado num burro em direção a uma pequena aldeia, o renomado sábio do século 1, Rabi Akiva, não encontrou acomodação em nenhum alojamento. Ele não se importou com isso, assumindo que deveria haver um propósito Divino para suas dificuldades. Ele acampou nos bosques do lado de fora da cidade, feliz por ao menos ter levado consigo a sua lamparina para leitura e o seu galo para despertá-lo pela manhã. Mas, pouco tempo depois, foi visitado por mais calamidades – seu burro fugiu, seu galo morreu e sua lamparina estragou. Mas, sendo ele Rabi Akiva, aceitou pacientemente a sua sorte.

Na manhã seguinte, ao voltar para a cidade, descobriu que uma horda de assassinos havia massacrado toda a população. De repente, ele compreendeu todas as dificuldades que sofrera: “Se eu tivesse conseguido um alojamento para dormir, teria sido morto. Se a minha lamparina estivesse acesa, eles poderiam ter me visto. O galo poderia ter cacarejado e o burro, zurrado. Agora eu sei: tudo o que me aconteceu foi para o bem!”

## A ILUSÃO DO BOM E DO RUIM

Quando perguntamos: "Por que coisas ruins acontecem às pessoas boas?", estamos quase sempre assumindo posições equivocadas. O que percebemos como "coisas ruins" pode ser, na verdade, o melhor que poderia ter ocorrido.

Em uma pesquisa, a maioria das pessoas diria que a pobreza, a feiura e a falta de poder são ruins, enquanto a riqueza, a beleza e o poder são bons.

Mas pergunte a Marilyn Monroe. Ela tinha muito dinheiro, era lindíssima e sua fama lhe trouxe um poder incrível. No entanto, todas essas coisas só lhe trouxeram miséria e, no final, ela cometeu suicídio.

Por isso não tenha tanta certeza do que é bom e do que é ruim; você não conhece a história por inteiro. Em geral, você está vendo só uma parte, e pode levar anos antes que todo o quadro seja conhecido.

Eu conheço um homem multimilionário que perdeu seu primeiro emprego como balconista dos correios. Incapaz de arranjar outro emprego, ele foi forçado a iniciar o seu próprio negócio. Hoje ele diz: "Eu só consegui isso porque fui demitido."

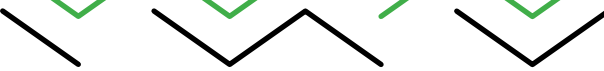
Eu conheço a história de um rapaz, estudante universitário, que estava tão desiludido pelo rompimento de uma relação afetiva com uma garota que passou a pensar em suicídio. Ele tinha certeza de que este havia sido o pior trauma dos seus poucos anos de vida. Eu passei uma noite inteira com ele, conversando e consolando-o.

Vinte anos depois encontrei-me novamente com esse homem.

"Lembra-se de mim?", ele gritou.

"É claro que sim. Você me deve uma noite de sono", respondi.

"Eu voltei para lhe contar o final daquela história", ele me disse. E compartilhou comigo o que lhe havia acontecido desde aquela época. Sua vida havia sido preenchida de bênçãos: ele se casou, tinha uma bela esposa e filhos, e estava muito feliz. Durante esse tempo, a garota que, segundo ele, acabara com a sua vida, tornou-se uma alcoólatra e, por fim, casou-se e se divorciou três vezes.



No final das contas, ainda que mais tarde, ele percebeu que, graças ao “trágico” rompimento daquela relação afetiva, ele pôde vivenciar coisas muito melhores.

É claro que, quando pensava em suicídio e eu tentava dizer-lhe que tudo mudaria para melhor, ele fora incapaz de ouvir e muito menos entender por que era melhor que as coisas fossem assim.

O *Zôhar*, a principal obra da Cabalá, o corpo do misticismo judaico, comenta que, quando Deus criou o mundo, Ele declarou que este era *tov meód*, “muito bom”. Não obstante, quando observamos o mundo, estudamos história e assistimos ao noticiário pela televisão, descobrimos o quanto é difícil concordar com esse julgamento Divino.

O *Zôhar* destaca que Deus nos dá uma pista disso no nome que Ele escolheu para o primeiro ser humano – Adão. Em hebraico, Adão (Adam) é escrito com as mesmas consoantes da palavra *meód* (muito) – *mem*, *alef*, *dálet* –, mas em uma ordem diferente: *alef*, *dálet*, *mem*. Mais adiante, o *Zôhar* diz que Adam é um acrônimo, uma sigla para três pilares da história humana. *Alef*, a primeira letra do alfabeto hebraico, representa o início da história da humanidade, com Adam. *Dálet*, a letra inicial do nome do Rei David, representa o auge da história judaica. *Mem* é a letra inicial de *Mashiach* (Messias), que levará o mundo ao seu tão esperado estado de plenitude.

Quando finalmente alcançarmos esse estágio da história aludido pelo *mem*, os dias do *Mashiach*, seremos capazes de olhar para *tudo* o que já aconteceu ao longo do curso da história desde o *alef* de Adão; através do *dálet* de David; e, juntamente com Deus, também seremos capazes de proclamar que o mundo é mais do que bom: é muito bom – *tov meód*.

Do mesmo modo, o filósofo Soren Kierkegaard afirma tão veementemente: “A vida só pode ser entendida ao se olhar para trás, mas deve ser vivida olhando-se para frente.”

## EM RESUMO

O diálogo bíblico entre Deus e Moisés nos ensina a nos precavermos diante de situações, parciais ou equivocadas, que nos levam a questionar a bondade de Deus.

De fato, Moisés diz a Deus: "Deus, eu quero Te honrar inteiramente, mas sofro a interferência da minha falta de compreensão com relação aos Teus desígnios. Como eu posso Te honrar completamente quando vejo coisas ruins acontecendo às pessoas boas e coisas boas acontecendo às pessoas ruins?"

Deus responde: "Ei, espere aí. Eu questiono duas das tuas premissas."

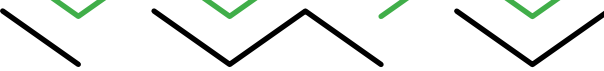
"Quais premissas?"

"Em primeiro lugar, não seja tão apressado em chamar algumas pessoas de boas e outras de ruins, porque você não tem certeza disso. Em segundo lugar, você está convicto das suas definições? Você tem certeza de que sabe do que está falando? Você não é otimista; e não é otimista porque não pode ver a Minha face. Você só poderá vê-la em retrospecto, quando uma coisa tida como terrível irá se transformar na melhor coisa que poderia acontecer. Às vezes levará anos para você perceber isso. Algumas vezes você jamais perceberá, pelo menos não nos seus dias na Terra."

Contudo, o que perturba muita gente são as diversas vezes em que inclusive a dádiva do retrospecto parece não nos esclarecer muita coisa. Olhar retrospectivamente para a vida de alguém pode ser esclarecedor, mas muitas vezes pode ainda nos deixar com muitas questões sem resposta. O que podemos fazer? Isso significa que terminaremos nossas vidas na Terra com problemas que jamais serão resolvidos, feridas jamais curadas, crueldades jamais explicadas, injustiças jamais corrigidas?

É fácil dizer: "Certo, ele perdeu o seu emprego, mas encontrará outro do qual gostará muito mais – portanto, perder o emprego não foi assim tão ruim." Mas quando acompanhamos uma pessoa morrendo lentamente de câncer, sofrendo a cada respiração, não é fácil – de fato, é quase impossível – dizer: "Isto também é para o bem."





Uma esposa me diz: “Meu marido ficou doente, permaneceu doente pelo resto dos seus dias, e então morreu. O que há de bom nisso? Não me diga para esperar pelo fim da história; eu já sei o fim da história: ele morreu.”

No entanto, Deus nos diz: “O homem não pode Me ver e viver.” Não podemos ter acesso a todo o quadro antes da hora da morte. A morte é o portal para o além – e essa mesma descrição nos recorda que há algo mais *após* a nossa passagem pela Terra. Deus parece estar dizendo que o que ainda não está claro durante a nossa existência finita será passível de compreensão assim que formos abençoados com a perspectiva Divina da eternidade.

Os enlutados por seus entes queridos podem ter dificuldades em perceber na morte alguma luz positiva; para eles, a morte representa uma perda irreparável. Mas para os falecidos a morte não é um problema, mas uma solução. Para a pessoa envolvida, a morte é o início de todas as respostas, como veremos a seguir.

## NOTAS

9. Gênesis 1:1-2 – 10. Deuteronômio 32:11 – 11 Êxodo 21:12-13 – 12. Conforme citado por Rashi; *Macot* 10b – 13. Gênesis 17:7 e Levítico 26:44-45 – 14. Ester 4:14 – 15. Êxodo 33:18-23 – 16. *Berachot* 7a – 17. *Pessachim* 50a – 18. *Hilchot Teshuvá*, capítulo 3, lei 2 – 19. *Berachot* 60b.

### **No próximo volume da série de e-books**

*Se Deus é Bom Por Que o Mundo é tão Ruim?*

Parte 2 – POR QUE MORREMOS?

Capítulo 5. O Preço do Paraíso

Capítulo 6. O Enigma da Morte

Capítulo 7. A Vida Após a Morte

**Não perca!**